

17. Eles foram embora e minha mãe morreu

Elson Forte Galibi

Meu nome é Elson Forte Galibi, eu gostaria de compartilhar um pouco da minha história e da história da minha mãe, Edinair Galibi, que eu perdi recentemente.

Há muito tempo, quando meu avô decidiu sair daqui, da Aldeia Kumarumã, minha mãe ficou aqui, só ela. Meu avô e minha avó foram para a Guiana Francesa e minha mãe ficou aqui. Um certo dia ela saiu para ir atrás dos pais dela, e a gente foi para a Guiana Francesa, para *Saint-Georges-de-l'Oyapock*. Mas a gente não se acostumou com o clima de lá, começamos a adoecer e minha mãe decidiu voltar para o nosso lugar, para a nossa aldeia.

Quando a gente voltou para a nossa aldeia começamos a reconstruir nossa vida. A casa onde meu avô morava a gente reconstruiu, a gente tomou conta de tudo aquilo que era dele: o terreno, as coisas dele, minha mãe tomou conta. Então, com isso, a gente vinha cuidando um do outro. A gente se apegou muito a ela, eu e meus irmãos, porque ela não era como qualquer pessoa, ela tinha um amor muito grande no coração dela. O amor que ela tinha para as outras pessoas era de ajudar. E nós fomos criados nesse costume que ela tinha, o costume que o pai dela tinha dado à ela.

Eu e meu irmão Cleber somos os caçadores da família e quando a gente sai para caçar às vezes a gente chega em casa de madrugada, três horas, quatro horas da madrugada, e ela já está acordada esperando por nós, buscando saber se a gente está bem, preocupada a noite inteira, se perguntando porque seus filhos ainda não chegaram. Quando a gente chega tem alguém esperando, quando a gente bate na porta ela já sai.

Eu me lembro quando eu tinha uns quinze anos. A gente foi para a roça e ela estava conosco. Era eu, meu pai e ela. Nesse dia meu pai quis me deixar, só porque eu esqueci o meu facão na roça, era para eu voltar e buscar, sozinho, mas já eram cinco horas, estava anoitecendo. Eu voltei, chorando, para buscar o facão na roça. Era uns dois quilômetros até chegar na roça, era verão e o campo estava seco. Quando eu subi a montanha um pouco e olhei para trás lá vinha minha mãe correndo atrás de mim, para que eu não fosse sozinho para a roça. Ela vinha chorando e me disse:

– Meu filho, você não vai sozinho, deixa que eu vou contigo.

Quando eu vi minha mãe vindo chorando, eu chorei também. Perguntei:

- Mamãe, o que você veio fazer?

- Meu filho, eu vou contigo, não vou deixar você ir sozinho, você nunca estará sozinho!

Quando eu lembro isso dói muito, dói muito em mim, isso está doendo muito! Ficou como uma lembrança para mim, marcou a minha vida. Minha mãe foi uma pessoa que sempre fez o bem, sempre queria o bem para as outras pessoas.

Agente se apegou muito uns aos outros. Meus irmãos, a minha irmã, a minha mãe, eu, meu pai. Quando começou essa pandemia a gente sempre assistia pela televisão que as pessoas morriam no mundo inteiro. Quando chegou no estado do Amapá eu disse que não era para a gente sair da aldeia. Eu sou Vice-Cacique da comunidade e a gente colocou uma norma para que ninguém saísse. Eu me preocupava com os meus pais, com a minha mãe, principalmente, mas as pessoas não obedeciam. Outros vieram para dentro da comunidade e trouxeram essa doença.

Quando minha mãe teve os primeiros sintomas ela começou com uma febre... Ela mandou chamar todos nós e nós chegamos na casa dela, irmãos, nora... A gente conversou com ela e ela disse que se sentia com febre. Aí a gente viu que ela estava um pouco febril. Ela era diabética. Quando essa doença chegou nela alterou a diabetes dela, então ela ficou fraca, começou a passar mal. Eu via no rosto dela que ela estava passando mal. Então ela chamou todos nós, todos, e ela disse que não era para a gente brigar um com o outro, que era para a gente ficar sempre unido, que era para a gente nunca abandonar aquilo que era dela, a casa dela, ela disse:

- Por favor, não saiam daqui! Nunca deixem o que é nosso para ninguém tomar conta. Uma coisa digo a vocês, nunca briguem um com o outro.

Quando eu acabei de ouvir isso olhei para ela e disse:

- Mamãe, não fale assim! Porque que a senhora está falando assim? Você não vai morrer, essa doença não vai te matar!

Aí ela disse:

- Não, eu não sei. Mas o que estou deixando para vocês é uma lembrança para vocês nunca esquecerem na vida.

Então eu fui chamar as pessoas. Havia um grupo de médicos que tinha vindo de helicóptero para coletar sangue dessa doença. Eu fui chamar eles e eles disseram que tinham o bastante. Eu disse:

- Venham, a minha mãe está precisando que vocês examinem, pelo menos colem o sangue dela para ver se é essa doença ou não.

Eu fui chamar duas vezes, ninguém veio, eles foram embora. Aí passou dois dias e ela começou a se sentir mal. Foi rápido, foi de uma hora para outra. Ela começou a se sentir mal, teve febre, mas depois passou... Quando deu na segunda-feira, pela manhã, ela começou a se sentir sem ar. Faltava o ar dela. Eu disse assim:

- Porque a senhora está assim? Deixa eu chamar os médicos!

Aí eu chamei os médicos:

- Venha, vem ver minha mãe, ela está passando mal! - mas ninguém veio, nem para examiná-la.

A gente ficou só, eu e meus irmãos, minha cunhada, minha esposa. A gente começou a cuidar dela e aí ela disse:

- Agora eu quero que vocês cuidem do irmão de vocês.

A gente tem um irmão deficiente. Aí ela disse:

- Nunca deixem ele só aqui em casa.

Aí eu chorei, eu chorei porque ela estava falando algo, parece que ela estava se despedindo da gente. Eu nunca vi ela assim.

Quando ela ainda estava falando minha esposa pegou ela por trás e levantou para ela beber um pouco de água, mas ela não podia, faltava força.

Ela ainda falava com a gente quando, de repente, algo aconteceu, que eu nunca esperava ver, eu nunca esperava sentir isso, como eu senti naquele momento e até hoje estou sentindo. Quando ela ainda falava, ela estendeu a mão para o meu pai, falando para ele cuidar bem dos filhos dela. Ela ainda falando... quando, de repente, ela se foi...

A gente ficou desesperado, um olhava para o outro, a gente sacudia ela, levantou ela, a gente fez tudo o que podia, mas já era tarde. Isso ficou como um trauma na minha vida, porque eu não consigo chegar em casa e não ver ela. Quando eu olho, parece que eu estou procurando algo. Até agora eu não consigo me recuperar porque, quando eu percebo, eu estou em outro lugar. Quando eu percebo já estou fazendo o que não devia... Eu preciso me

recuperar, eu preciso que Deus me dê força para conseguir superar tudo isso. O que ela deixou para nós foi uma lição de vida.

Os enfermeiros vieram, depois dela morta, já era de manhã e eles vieram para coletar o sangue dela para ver se ela morreu da COVID-19. Aí o meu pai não deixou, meu pai não deixou que ninguém tocasse mais nela, porque quando ela estava viva a gente mandou buscar eles e eles não vieram!

Quando chegou a hora do enterro da minha mãe eu sentei perto do caixão dela e comecei a chorar, segurando o caixão. Olhei para ela dizendo:

- Porque você está tão fria? Porque você está tão gelada? Você não era assim! Hoje você vai embora, eu nunca mais vou ver você, nunca mais vou ver seu rosto, nunca mais vou sentir a sua voz nos meus ouvidos. Hoje você está me deixando mamãe...

Aí eu comecei a chorar, eles a levaram de mim, a única coisa que eu guardava no meu coração, que era minha mãe, eu nunca mais vou ver ela. É por isso que eu digo, não visite parentes, não é hora de visitar o seu parente, de dar passeio pela cidade, porque isso é uma coisa muito séria. O vírus não brinca com a gente, se a gente brincar, ele não brinca, o vírus veio para matar, para destruir famílias. Por isso que eu digo, fiquem em casa, cuidem-se por favor.

Aldeia Kumarumã, Oiapoque, Amapá, Brasil

05 de junho de 2020

Relato feito em áudio e transcrito por Elissandra Barros